



As categorias de enunciação como ferramenta de análise da formação de narrativas hipertextuais¹

Marcelo Freire²

Universidade Federal da Bahia (estudante de pós-graduação)

Resumo:

Este artigo propõe o uso das categorias da enunciação: tempo, espaço e pessoa e das emblemas e deblemas feitas pelo enunciador para analisar a formação de encadeamentos narrativos no hipertexto para avaliar o desencadeamento entre blocos de texto, imagens, áudio e vídeo. O estudo propõe um conceito de narratividade hipertextual desenvolvido tendo como referenciais teóricos o webjornalismo, gênero jornalístico e a lingüística. O princípio adotado foi a aproximação de conceitos cristalizados do jornalismo tradicional com as características do ciberespaço para a obtenção de novas abordagens sobre o tema em questão.

Palavras-Chave:

Narratividade Hipertextual, Webjornalismo, Categorias da Enunciação

Introdução

O presente artigo tem como um objetivo congregar elementos de diferentes campos de estudo para buscar ferramentas para analisar as narrativas jornalísticas na internet. Buscamos com um olhar voltado para as questões discursivas estudar questões tradicionais do jornalismo on line. Para tanto, faremos um paralelo entre as categorias da enunciação, mas especificamente dos movimentos de emblema e deblema realizados pelo enunciador dentro destas categorias, com a relação entre nós do hipertexto.

Com esta ferramenta poderemos observar a partir das lógicas discursiva elementos que são estudados prioritariamente pela lógica do dispositivo. Podemos com essas correlações estudar as características do webjornalismo, suas gerações ou até mesmo a formação de múltiplas linhas narrativas a partir do discurso³.

Essa abordagem teórica segue na linha do pesquisador norueguês Martin Engebretsen que partiu do conceito de coerência no texto noticioso da Análise do Discurso de Teun Van Dijk para tratar do mesmo tema na web. Neste artigo utilizaremos um outro

¹ Trabalho apresentado ao GT Jornalismo, do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste.

² Marcelo Freire é mestrando em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário da Bahia e produtor da Rede Bahia, em Salvador.

³ Essa perspectiva foi aplicada em uma análise das coberturas notícias dos shows dos Rolling Stones e U2 no Brasil no início de 2006 desenvolvida como Trabalho Monográfico de Conclusão do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Bahia. Aqui mostraremos apenas as premissas básicas que nortearam esta pesquisa.



conceito para estudar a criação de linhas narrativas, Inicialmente, vamos apresentar brevemente as categorias da enunciação para traçar os referidos paralelos com as potencialidades do webjornalismo.

O enunciador e a categorias da enunciação

Na enunciação, o enunciador instaura as categorias a partir de mecanismos chamados: *debreagem* e *embreagem*. No hipertexto, expandimos a ação desse mecanismo, colocando-o como elo entre as múltiplas possibilidades de composição da narrativa.

Os mecanismos de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado são dois: a *debreagem* e a *embreagem*. *Debreagem* é a operação em que a instância de enunciação disjunge de si e projeta para fora de si, no momento da discursivização, certos termos ligados a sua estrutura da base, com vistas à elementos fundadores do enunciado, isto é, pessoa, espaço e tempo (Greimas e Courtès, 1979, p.79). [...] A *debreagem* consiste, pois, num primeiro momento, em disjuntir do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e em projetar um *não-eu*, *não-aqui* e um *não-agora*. Como nenhum *eu*, *aqui* e *agora* inscritos no enunciado são realmente a pessoa, o espaço e o tempo da enunciação, uma vez que estes são sempre pressupostos, a projeção da pessoa, do espaço e do tempo da enunciação no enunciado é também uma *debreagem* (Greimas e Courtès, 1979 p.79). [...] Ao contrário da *debreagem* que expulsa da instancia de enunciação a pessoa, o espaço e o tempo do enunciado, a *embreagem* é “o efeito de retorno à enunciação”, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado. (FIORIN, 2002, p.43-47)

Outro importante estudioso, Dominique Maingueneau (2005), trata dos conceitos de *embreagem* e de *não-embreagem*. Para ele, “chama-se de **embreagem** [grifo no original] o conjunto de operações pelas quais um enunciado se ancora na sua situação de enunciação” (2005, p.108). De acordo com o lingüista (2005, p.113-114) fala-se em enunciado *embreado*, geralmente quando esse contém, além de *embreantes*, outras marcas da presença do enunciador: apreciações, interjeições, ordens, interpelação do co-enunciador. “Os enunciados “embreados” constituem a imensa maioria dos enunciados produzidos. É difícil imaginar o que seria uma conversa que não remetesse ao contexto da enunciação ou que não interpretasse o co-enunciador” (MAINGUENEAU, 2005, p.114). Já quando essas marcas não estão presentes, o autor categoriza-o como *não embreado*.

Pode-se igualmente produzir um enunciado desprovido de *embreantes* **isolado da situação de enunciação**: fala-se então de enunciado **não embreado** [grifos no original]. Os enunciados *não embreados* não são interpretativos em relação à situação de enunciação; eles procuram constituir universos autônomos. (MAINGUENEAU, 2005, p.114)



Essas marcas podem ser aplicadas, ou não, em qualquer uma das categorias da enunciação, mas para entender melhor como isso acontece abordaremos as demais categorias, além de aprofundar a categoria tempo tratada na organização cronológica dos elementos da narrativa.

Pessoa, tempo e espaço

A categoria pessoa é fundamental para o processo enunciativo, pois ela referencia as demais. “Assim, espaço e tempo estão na dependência do *eu*, que neles se enuncia. O *aqui* é o espaço do *eu* e o presente é o tempo em que coincide o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve” (FIORIN, 2002, p.41). Para Maingueneau, “o discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um EU, que se coloca como *fonte de referências* pessoais, temporais, espaciais” (2005, p. 55).

Em uma primeira instância de enunciação, temos o enunciador e o enunciatário. Instalados no enunciado, e colocados hierarquicamente em uma posição inferior, temos o narrador, que pode ser implícito ou explícito, e o narratário. Esse narrador pode fazer *debreagens* entre os atores, um simulacro das suas enunciações. “O discurso reportado é a citação, pelo narrador, do discurso de outrem e não apenas das palavras ou sintagmas. É a inclusão de uma enunciação em outra” (FIORIN, 2002, p.42). Isso pode ser feito de três formas, com o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre. No jornalismo, isso se dá através do uso do discurso atribuído às fontes. Para Gonzaga Motta trata-se de uma importante ferramenta para a construção do sentido de real.

No jornalismo as personagens costumam ser fortemente individualizadas e transformar-se no eixo das histórias. Os designantes das personagens, tais como nomes, identificadores e co-referências devem ser particularmente observados. Porém, é importante lembrar que mesmo na narrativa realista do jornalismo as personagens são figuras de papel, ainda que tenham correspondentes na realidade histórica. Personagens do mundo do espetáculo, da política, da aristocracia e dos esportes retratados cada dia pelo jornalismo operam uma circulação permanente entre o mundo da identificação e o da projeção e suscitam simpatias, paixões, dores e angústias, como ocorre na arte (na literatura). A questão mais controversa da análise da personagem jornalística refere-se, portanto, ao fato de não ser ela uma entidade puramente ficcional e arbitrária a gosto da criação do autor como ocorre na arte, mas produto de uma narrativa fática. A personagem jornalística guarda uma relação estreita com a pessoa, com o ser real objeto da narração. [...] A mídia constrói personagens de acordo com seus critérios jornalísticos e de verossimilhança. (MOTTA, 2005, p.8)

O Discurso Direto (DD) é o que mantém esse vínculo mais forte com os atores e é mais



usado no jornalismo por criar esse efeito de realidade. O DD dá uma idéia de distanciamento entre o narrador e o personagem e, por conseguinte, de autenticidade, pois reproduz fielmente as palavras do segundo. Maingueneau explica que “o discurso direto (DD) não se contenta em eximir de qualquer responsabilidade, mas ainda simula *restituir as falas citadas*” (2005, p.140). O autor o caracteriza pelo fato de dissociar claramente duas situações da enunciação: a do discurso citante e discurso citado (MAINGUENEAU, 2005, p.140). Fiorin define o Discurso Direto através do mecanismo de debragem,

O discurso direto é resultado de uma debragem interna (em geral de segundo grau), em que o narrador delega voz a um actante do enunciado. O discurso direto é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador. Como apresenta duas instâncias enunciativas, dois sistemas enunciativos autônomos, cada uma conserva seu eu e tu, suas referências dêiticas, as marcas da subjetividade próprias (FIORIN, 2002, p.72).

No Discurso Indireto (DI), há a apropriação por parte do narrador do discurso da fonte e, a partir de uma análise, ele é reconstruído. Para Maingueneau, “com o discurso indireto, o enunciador citante tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, pois não são palavras exatas que são relatadas, mas, sim o *conteúdo do pensamento*” (2005, p. 149). Desta forma, não há uma debragem interna no discurso indireto, ou seja, há apenas uma voz, a do enunciador, que é responsável pelo discurso citado e pelo discurso citante (FIORIN, 2002).

Já o Discurso Indireto Livre é uma variação do DI; Tem a mesma apropriação do discurso do personagem, mas não há uma diferenciação clara entre o que está sendo dito pelo personagem e pelo narrador.

O DIL [Discurso Indireto Livre] é o tipo mais clássico de hibridismo, já repertoriado há muito tempo pelas gramáticas. Cabe-lhe combinar os recursos do DD e DI. [...] A polifonia do DIL não é de duas vozes claramente distintas (DD), nem a absorção de uma voz pela outra (DI), mas a mistura perfeita de duas vozes: em um fragmento no DIL, não se pode dizer exatamente que palavras pertencem ao enunciador e que palavras pertencem o enunciador citante (MAINGUENEAU, 2005, p.149).

Esse hibridismo é apontado por Fiorin a partir da combinação entre debragem e embreagem, na qual “o narrador delega a palavra à personagem (debragem). Em seguida, há uma neutralização entre a primeira e terceira pessoa em proveito da última (embreagem)” (FIORIN, 2002, p.81).

Entendemos que existe uma forte ligação entre as categorias pessoa e tempo. Para que ocorra uma ação na narrativa é necessário, fundamentalmente, um sujeito e uma ação



que estão intrinsecamente conectados. Enquanto a categoria pessoa trata do primeiro, a categoria tempo trata do segundo. Podemos afirmar que ela diz respeito ao momento das ações que se desenvolvem durante a narrativa. “Na narração, que é o simulacro da ação do homem no mundo, se mostra o que está passando, o que não é mais, o que ainda não é, tudo presentificado na linguagem” (FIORIN, 2002, p.140). O autor destaca que esses momentos são definidos a partir de um parâmetro, *o agora*.

O discurso instaura um *agora*, momento da enunciação. Em contraposição ao *agora*, cria-se um *então*. Esse *agora* é, pois, o fundamento das oposições temporais da língua. O tempo presente indica a contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da narração. [...] Com efeito, o *agora* é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, é a cada ato de fala um tempo novo, ainda não vivido (Benveniste, 1974, p. 74). Se o *agora* é gerado pelo ato de linguagem desloca-se ao longo do fio do discurso permanecendo sempre agora. Torna-se, portanto, um eixo que ordena a categoria topológica da *concomitância vs não concomitância*. Esta, por sua vez, articula-se em *anterioridade vs posterioridade*. Assim, todos os tempos estão intrinsecamente relacionados à enunciação [grifo no original] (FIORIN, 2002, p.142).

Associaremos essa idéia de *anterioridade versus posterioridade*, do texto jornalístico, ao elemento da narrativa, conflito, fato mais importante da matéria. Ancoraremos as relações de temporalidade a ele que é a ação central da narrativa, apresentado no lide. Entendemos o processo de deslocamento do *agora* através do fio do discurso, mas, para criar uma relação temporal entre os episódios, ou blocos de textos associados, focamos no momento do conflito.

A categoria espaço é uma das menos estudadas por não ser, obrigatoriamente, constitutiva da ação, que não pode ocorrer sem temporalidade ou sem atores. Ainda assim, ela é fundamental para referenciar as ações não apenas espacialmente, mas dentro de um contexto social. Suas relações com o narrador seguem a mesma lógica referencial da categoria tempo. Contudo, as relações que podemos apontar a partir dos marcos espaciais propostos na enunciação são de *interioridade vs exterioridade*, *fechamento vs abertura e fixidez vs mobilidade*. “O *aqui* é o fundamento das oposições espaciais da língua. Esse *aqui*, que se desloca ao longo do discurso, permanecendo sempre *aqui*, constitui os espaços do *não-aqui*” (FIORIN, 2002, p.263). Essa referência, além de situar e descrever o *aqui*, o ambiente onde se desenvolve a ação, contextualiza o *não-aqui*, as noções de distância e, o uso de expressões como perto, longe, atrás, à direita, etc.

Outra abordagem do espaço sai da esfera apenas da enunciação e diz respeito à questão social, como se dão as relações sociais no cenário em que a narrativa acontece. Para tratar desta idéia temos que, inicialmente, abordar o conceito de Glocal um “neologismo



resultante da *hibridação cumulativa* de dois termos, global e local” (TRIVINHOS, 2004, p. 4). Para o autor, global e local são um e mesmo e, simultaneamente, nenhum; globalização (ou globalismo) e localização (ou localismo) restam dissolvidos.

A obliteração mediática do espaço territorial (tal como legado pela tradição e experienciado pelo senso comum), encadeada, no último quartel do século XIX, pela rede de telefonia, aprofundada, nas primeiras décadas do século XX, pelo rádio e levada às últimas conseqüências pela televisão após a Segunda Guerra Mundial, produz, na cibercultura, por cumulação à reverberação dessas redes, *socioespacializações audiovisuais* específicas [...] Do território geográfico à interface e deste ao glocal: o percurso tecnológico avançado de obliteração do espaço realiza-se, com efeito, em consonância simultânea à reorganização do próprio lugar de inserção da existência: a *glocalização cibercultural* renova o contexto de acesso/recepção/retransmissão ao configurá-lo como *reduto de livre confinamento interativo* do corpo, da subjetividade e do campo próprio, *locus* a partir do qual se estabelece a relação com o mundo. (TRIVINHOS, 2004, p.13-14)

A obliteração do espaço territorial com o ciberespaço nos dá a clara idéia de que há uma possibilidade de compartilhamento global de produções simbólicas e imagéticas. Contudo, as representações sociais e visões de mundo específicas produzem o que o autor, chama de *bunker* glocal. Para Trivinhos, “o *bunker* glocal é um *ethos* específico, no sentido etimológico: forma de estar e de agir no mundo, em compatibilidade com as necessidades de reprodução social-histórica” (2004, p.21). Isso cria uma representação local de uma realidade global. Desta forma, temos, em termos práticos, um contexto comparativo de modos de ver diferenciados a partir da repercussão local de assuntos compartilhados globalmente.

Aproximamos a idéia do *bunker* glocal, de Trivinhos, como o definidor de um *ethos* específico à abordagem de Maingueneau de *ethos* como incorporação do enunciador. Para o autor, ele “revela a personalidade do enunciador [...] a aparência que lhe confere o ritmo, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos” (2005, p. 95). Para ele, esse tom permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador. Complementamos, afirmando que permite, não só a incorporação do enunciador, mas também sua representação social e sua visão de mundo, característica do seu *aqui* social. Desta forma se dá a relação entre o espaço social do enunciador, *aqui*, e o espaço social do co-enunciador, *não-aqui*. Essa relação de disparidade acontece quando ambos não compartilham as mesmas visões de mundo e características regionais.

Apresentadas as categorias da enunciação e elementos da narrativa tradicional aplicada ao jornalismo, vamos relacioná-las às potencialidades oferecidas pela rede e destacar alguns usos e ênfases no processo narrativo hipertextual. Ao longo deste processo



iremos utilizar conceitos presentes em diversos estudos sobre narratividade hipertextual. Trataremos de conceitos como não-fechamento, multilinearidade, multivocalidade e imersão, associando-os às características centrais desta pesquisa.

Potencialidades da *web* e a Narratividade Hipertextual

As potencialidades da *web*, hipertextualidade, multimídia, atualização constante, interatividade, personalização, memória e ruptura dos limites de espaço e tempo, são as bases para criarmos um conceito de narratividade hipertextual a partir da narrativa literária e jornalística. A maioria delas traz elementos que diferenciam, potencializam, mas nem sempre implicam em rupturas efetivas.

A principal delas, a hipertextualidade, é responsável pela estrutura da Internet possibilitando a navegação pelos nós da rede de computadores. A associação de diferentes formatos, texto, imagem, vídeo, áudio e animação, através de *links* é o maior diferencial da *web* em relação aos outros suportes e principal ponto na formação da sua narrativa. Os estudos que tratam desse tema trazem idéias, como a imersão, multivocalidade e multilinearidade. Todas são possibilitadas pela hipertextualidade em associação com outras potencialidades: multimídia, interatividade e memória.

Vamos trabalhar a princípio com a idéia de imersão, com o conceito de Luciana Mielniczuk (2003) que aponta a narrativa na *web* como imersiva, além de hipertextual. Isso porque permite que leitor navegue através da informação em multimídia. Já Sybil Nolan, em vez da multimídia, passa o foco da imersão para o usuário, com o controle da cobertura, em vez de ser algo, simplesmente, propiciado pela tecnologia.

A tecnologia imersiva coloca o controle da cobertura de notícias nas mãos dos espectadores. Eles podem aceitar a perspectiva padrão oferecida pelo diretor, optar por uma nova, ter uma experiência noticiosa, colando-se em partes alternativas do evento ou, ainda, solicitar que o repórter consiga informações adicionais (NOLAN, 2003, p.6).

A autora australiana destaca que o webjornalismo, através da tecnologia, pode contar histórias com grau de imersão próximo ao dos jogos eletrônicos, guardadas as devidas limitações do jornalismo em relação à participação do usuário, ou seja, com um alto grau de interatividade através da recriação do fato por meio de recursos tecnológicos.

A idéia de imersão está muito próxima à de multivocalidade. Ambas promovem uma abordagem diferenciada do fato, com visões e versões distintas, associadas em uma estrutura hipertextual. Contudo, a primeira faz uso da tecnologia, principalmente da



multimídia e da interatividade, para criar esse ambiente. A multivocalidade, como define Mielniczuk, não está apenas ligada à existência de muitas vozes, mas também em conteúdos de autoria coletiva.

A idéia de multivocalidade está relacionada ao conceito de polifonia de Bakhtin: a possibilidade da existência de diversas vozes na narrativa literária. A fragmentação do texto em lexias favoreceria a multivocalidade, pois como explica Landow, “el hipertexto no permite una única voz tiránica. Más bien, la voz siempre es la que emana de la experiencia combinada del enfoque del momento, de la lexia que uno está leyendo y de la narrativa en perpetua formación según el propio trayecto de lectura” (1995, p. 23). Ocasionalmente, ocorre uma certa confusão no conceito de multivocalidade devido à facilidade de elaboração de textos colaborativos no meio digital, podendo ser interpretado também como a possibilidade de co-autoria na redação dos textos. Esse fato não deixa de ser pertinente, talvez por isso, o conceito de multivocalidade pudesse ser compreendido em relação a duas questões: a primeira, no sentido de múltiplas vozes, relativa à construção de uma narrativa literária e a segunda, num sentido mais operacional, relacionada com a cooperação de vários autores para a criação de um mesmo texto ou narrativa. (MIELNICZUK, 2003, p. 100)

Expandindo a definição da autora, consideramos textos colaborativos não apenas aqueles escritos, inicialmente, de forma colaborativa, como o caso da Wikipédia, mas também aqueles que passam por um processo de reconfiguração com a interação dos leitores, que somam novas perspectivas através de comentários, que complementam ou contrapõem o texto original, como, por exemplo, os grupos de discussão, fóruns, comentários ou *chats* temáticos. Terence Harpold atribui ao leitor a capacidade de definir seu caminho na narrativa e, apesar de seguir na mesma linha, apóia a caracterização do hipertexto nas variações possíveis de leitura:

Hipertextos são multivocais e, radicalmente, diálogos sociais construídos no mais discreto nível, ainda assim, de interação com os atos de fala. Eles são discursos com múltiplas formas com sua superfície de ponta a cabeça, então pode ver seu ritmo irregular nas suas entranhas. Quando o hipertexto é consumido, seus múltiplos elementos se dobram. Com isso, é possível naquele momento ver com clareza cada caminho que se pode seguir. No instante em que isso se torna relevante, funcional, se está inserido na matriz da narrativa. (HARPOLD, s/d)

A escolha dos caminhos que o usuário toma na leitura do hipertexto através dos *links*, nos leva a mais dois conceitos, o de multilinearidade e o de não fechamento textual, que estão intimamente ligados a esse percurso.

No discurso hipertextual o leitor pode não seguir a linearidade seqüencial do suportes rádio e TV. O repertório de *links* oferecidos ao usuário dá a ele a possibilidade de criar novas linhas narrativas a cada acesso. Por isso, alguns autores consideram que as notícias na *web* são não-lineares e o princípio de autoria é compartilhado entre usuário e autor. Cabe ao primeiro determinar a ordem e os assuntos que mais o interessam. Para



João Messias Canavilhas (2001) essa não-linearidade é propiciada pelo uso dos recursos multimídia. Patrícia San Martin (2003, p. 52) corrobora a idéia da não-linearidade e atribui essa característica ao hipertexto, por considerar que as obras nesse suporte são sempre abertas. Com uma visão diferente, Marcos Palácios (1999) defende que cada leitor cria sua própria linearidade. Portanto, não cabe o uso do radical negativo na frente do termo, mas sim, multi, por conta da idéia de múltiplas linearidades.

A noção de "não-linearidade", tal como vem sendo generalizadamente utilizada, parece-nos aberta a questionamentos. Nossa experiência de leitura dos Hipertextos deixa claro que é perfeitamente válido afirmar-se que cada leitor, ao estabelecer sua leitura, estabelece também uma determinada "linearidade" específica, provisória, provavelmente única. Uma segunda ou terceira leituras do mesmo texto podem levar a "linearidades" totalmente diversas, a depender dos links que sejam seguidos e das opções de leitura que sejam escolhidas, em momentos em que a história se bifurca ou oferece múltiplas possibilidades de continuidade. (PALÁCIOS, 1999, p. 4)

Optamos por adotar a noção de multi-linearidade defendida por Palácios, por acreditar que cada leitor, tendo sua função de co-autor, compartilha com o narrador o poder sobre a narrativa, escolhendo seu próprio percurso. Mesmo que de uma forma fragmentada, acreditamos que sempre haverá linearidade, porém essa varia com o leitor. A noção de fechamento está ligada também a essas escolhas. Como vimos anteriormente, o fechamento é sempre o elemento final da narrativa, tanto aristotélica quanto jornalística. Na *web*, com a co-autoria do leitor, é possível obter mais informações expandindo a narrativa na direção que mais interesse ao usuário, quebrando assim a idéia de fechamento tradicional.

O que percebemos imediatamente é que para um leitor não familiarizado com o funcionamento de um Hipertexto, seja ele ficcional ou não, a questão do Fechamento é posta imediatamente como um problema. Como se chega ao fim desta história ou deste site? A expectativa de um fim, advém, é claro, de nossa experiência com a narrativa tradicional (seja numa narração oral, num texto, numa peça teatral, num filme...) [...] Com o Hipertexto, o Fechamento não se dá, ou pelo menos não se dá da forma à qual estamos habituados: "Closure is a psychological concept (...) that refers to the successful completion of one task before another one is begun. Since hypertextual links can branch off at any point in a node, for every such branch off point there is a good chance that the original node is 'aborted' in favour of the link. This means that a reader may never complete reading the information of that node. Links can thus endanger closure because they encourage starting something new before having completed the current (SCHLEGEL)." (PALÁCIOS, 1999, p.3-4)

Em relação ao paralelo traçado anteriormente entre a narrativa aristotélica e a jornalística, podemos apontar o primeiro diferencial. Em ambas há a idéia de fechamento, porém, no hipertexto, não é o fechamento clássico, único. Isso reconfigura o último elemento da tríade, início, meio e fim da narrativa. Os dois primeiros se

mantêm, assim com a mesma estrutura cronológica, exceto pela conclusão. Os demais: apresentação, complicação e o clímax estão presentes na ordem do texto jornalístico, como visto anteriormente.

A grande contribuição das redes telemáticas à construção de uma nova narratividade se dá na organização e nas possibilidades do hipertexto, que permite ao leitor criar suas próprias linearidades. Entretanto, é de suma importância lembrar que a simples associação de textos, realizada aleatoriamente, não cria, necessariamente, uma narrativa. Machado *et alli* (2003) citam Lev Manovich para aprofundar a questão,

A mudança na definição de narrativa não quer dizer, sublinha Manovich (2001: 227), que qualquer seqüência arbitrária de registros em um banco de dados compõe uma narrativa. Para merecer o qualitativo de narrativa um objeto cultural multimídia teria que satisfazer alguns critérios como conter ambos, um ator e um narrador; três distintos níveis; texto, história e fábula e seus conteúdos deveriam ser uma série de eventos conectados causados e experimentados pelos atores. [...] Outra errônea compreensão é que ao criar o próprio caminho o usuário constrói sua própria única narrativa. Como diz Manovich (2001:228), se ele simplesmente acessa diferentes elementos, um depois do outro, em uma ordem casual, nada garante que estes registros formarão uma narrativa, que possibilite uma série de eventos conectados causados e experimentados pelo usuário. (MACHADO *et alli*, 2003, p.112113)

O autor defende que a rede pode suportar múltiplas narrativas, mas não as gera espontaneamente. Por isso, defendemos que as associações de textos devem ser feitas a partir de embreagem e debreagem nas diferentes categorias para garantir o encadeamento narrativo, conectando os episódios através dos eventos causados e experimentados pelos autores. Isso ainda dá a possibilidade do leitor aprofundar a narrativa de acordo com as categorias que mais o atraíam.

Na categoria tempo, ele pode retroceder a acontecimentos anteriores através da memória, de forma sistematizada e interligada ao texto, sem precisar deslocar-se para arquivos públicos ou dos veículos de comunicação, ou avançar no futuro com projeções que podem ser apresentadas em infográficos multimídia ou das tecnologias imersivas. A supressão dos limites de espaço permite que o intervalo de tempo que contém o fato noticiado seja dilatado de acordo com o interesse do leitor em retornar em uma cadeia de acontecimentos vividos pelos atores. A linha da narrativa inicialmente composta pelos seis momentos apontados por Aristóteles se expande sem limites interligando-se a outros episódios compostos pelos mesmos elementos, em uma rede multilinear e sem um fechamento tradicional.

Na categoria da enunciação pessoa, a maior ênfase é na multivocalidade, para se obter diferentes visões do assunto por meio da análise, opinião ou testemunhos de atores. É



importante estabelecer a diferença entre a presença de diferentes vozes simuladas a partir de uma debragem pessoal, ou, seja, pela inserção de discursos diretos e a presença de diferentes enunciatários dentro do mesmo contexto, abordando um objeto similar. A hipertextualidade e a supressão dos limites de espaço e tempo permitem que o jornalista busque o maior número de versões possíveis de um acontecimento, representando a primeira opção. A interatividade na reconfiguração do texto a partir da livre participação do leitor representa a segunda. Isso dá ao enunciatário o poder de ser também enunciador, criando um novo enunciado.

Na categoria da enunciação espaço, através da imersão, que tem como principal diferencial da multivocalidade, o ambiente tecnológico, os usuários podem sentir-se inseridos espacialmente no *aqui* através da realidade virtual, contando com sons, vídeos, animações e, principalmente, informações detalhadas sobre o local, independente de ser um bairro, município, estado ou país. Outra forma de tratar o espaço é em relação ao *aqui* social. O hipertexto também permite a utilização de matérias que trabalhem a informação voltada para a repercussão de um evento global para um público local. Esse tipo de informação pode revelar hábitos culturais e sociais do enunciador, criando uma relação de *aqui* do enunciador em relação a um não-aqui do co-enunciador quando não há o compartilhamento deste espaço social. Suzana Barbosa (2002) recupera o conceito glocalização como uma interpenetração entre global e local,

[...] podemos acrescentar que é no âmbito local onde a cultura global hegemônica é refuncionalizada através de relações de assimilação e rejeição e é onde novas formas de sociabilidade e também de socialidade são engendradas. Assim, torna possível a produção de novas visões do mundo e novas formas de expressar e emitir informação na cibercultura contemporânea, passando do “global mundial ao global como particular: o glocal” (LEMOS, 2003:14). (BARBOSA, 2002, p.84).

Definimos, assim, nosso conceito de narratividade hipertextual. É, fundamentalmente, um processo de formação de sentido, que narra uma história focada nas ações dos personagens, mantendo os elementos da narrativa aristotélica apropriados pelo jornalismo, como clímax na abertura, conflito, apresentação dos personagens, mas sem ter, necessariamente, um fechamento clássico.

Este texto é composto de episódios, devido à fragmentação do discurso promovida pelo hipertexto e por diversos elementos textuais, de áudio, vídeo, imagens e animações, devido à multimídia. A sua linearidade é definida pelo leitor, que pode direcionar a sua narrativa de acordo com seu interesse. Seguindo na categoria tempo, ele pode retroceder a episódios anteriores dos atores disponíveis com a característica memória.



Na categoria pessoa, a multivocalidade oferece diversas visões sobre o fato, acrescida das opiniões dos leitores que reconfiguram o texto, isso acontece graças à hipertextualidade e à interatividade. Na categoria espaço, a imersão pode recriar virtualmente o local onde se passou o acontecimento por meio da multimídia, além disso, matérias com cunho local, informação de proximidade, podem referenciá-lo socialmente.

Podemos representar o movimento do leitor através do hipertexto por meio dos diversos desdobramentos narrativos. Consideramos que cada *link* deve levá-lo a um diferente ponto da narrativa e ele pode escolher como essa história será lida entre as múltiplas opções oferecidas.

Tomamos os conteúdos jornalísticos informativos: notas, notícias e reportagem como segmentos de reta com tamanhos variáveis proporcionalmente ligados ao período de tempo que cobrem as ações dos seus atores principais. Tendo como eixo principal essa linha de tempo podemos pensar na narrativa hipertextual como a associação entre diferentes segmentos de reta em uma mesma linha, quando se trata de momentos diferenciados na vida de um personagem. Seriam emblemas e deblemas temporais que representam um movimento horizontal em relação à reta, que pode retroceder no tempo resgatando acontecimentos ou projetando-os quando avançam nesta linha. Esse movimento na *web* é potencializado pela característica memória.

Outra possibilidade é um movimento vertical que se mantém no agora enunciativo por ser perpendicular à linha de tempo. Ele coloca o leitor em uma nova linha paralela, de um outro ator de ação ou analista. Desta vez, as emblemas e deblemas de pessoa dando voz a novos atores. A repetição destes movimentos insere mais vozes e personagens na narrativa, fortalecendo a idéia de multivocalidade.

Completamos o repertório de associações narrativas com outro movimento vertical, desta vez em direção a outras linhas paralelas que representam o espaço físico e social. Estas descrevem um local físico onde se desenvolvem as ações da linha de tempo de um dos atores ou como essas ações podem ser interpretadas em diferentes contextos sociais. A continuidade dos movimentos nesta direção aprofunda a idéia de imersão.

Novas linhas de pessoas e espaço podem ser inseridas na narrativa quando forem os atores ou lugares referidos pelo enunciativo. Temos uma outra possibilidade de movimento que aponta para a mesma linha, seja do tempo de cada ator ou de espaço, e aprofunda a descrição sobre o mesmo tema detalhando-a. O leitor deve ter em cada nó do hipertexto a possibilidade de realizar vários dos movimentos referidos acima para



que se componha uma narrativa hipertextual multilinear e, efetivamente, a cada leitura se possa estabelecer uma nova linha narrativa.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Trad. Paulo Costa Galvão. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- BARBOSA, Suzana. O Jornalismo digital na cibercultura. In: BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBAHIA**. (dissertação de mestrado), FACOM/UFBA, 2002.
- BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969. Coleção Mass-Media, vol.1.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre : Sulina, 1976.
- COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.
- COTTA, Pery. Aristóteles, o pai .genético. do jornalismo. **Comum**, Rio de Janeiro, v.7, nº 19, p. 44-72, ago./dez, 2002.
- FABBRI, Paolo. **El Giro Semiótico**. Barcelona: Gedisa, 2000.
- FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da enunciação – As Categorias de Pessoa, Espaço e Tempo**. 2ª ed. Editora Ática: São Paulo, 2002.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1997.
- HARPOLD, Terence. **Grotesque corpus: Hypertext as Carnival**. Disponível em: http://noel.pd.org/topos/perforations/perf3/grotesque_corpus.html. Acesso em: 03 mar. 2006.
- HUESCA, Robert; DERVIN, Brenda. **Hypertext and journalism: audiences respond to competing news narratives**. Trabalho apresentado no Media in Transition Conference, MIT, Cambridge, Massachusetts, 09 out 1999.
- JOYCE, Michael. **Hipertext Narrative**. Disponível em: http://noel.pd.org/topos/perforations/perf3/hypertext_narrative.html. Acesso em: 24 jan. 2006.
- _____. The ends of print culture: a work in progress. **Postmodern Culture**, v.2, n.1, set, 1991.



LEMOS, André. Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interface digitais. **Tendências XXI**, Lisboa, 1997. Também disponível em <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html> Acesso em: 12 fev 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise dos Textos de Comunicação**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Boston: MIT Press, 2001.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e Implicações do Jornalismo na web**. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM, Lisboa, 2001.

_____. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. (Tese de Doutorado) FACOM/UFBA, 2003.

MIELNICZUK, Luciana; PALACIOS, Marcos. **Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual**. Trabalho apresentado no GT de Jornalismo do X Encontro Nacional da COMPÓS, Brasília, junho 2001.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, set 2005.

NOLAN, Sybil. Journalism online: the search for narrative form in a multilinear world. **Melbourne DAC**, Melbourne: RMIT University, 2003. Também disponível em: <http://hypertext.rmit.edu.au/dac/papers/Nolan.pdf>. Acesso em: 12 fev 2006.

PALACIOS, Marcos. Hipertexto, Fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 08, p. 111-121, 1999.

_____. Natura non facit saltum: Promessas, alcances e limites no desenvolvimento do jornalismo on-line e da hiperficção. **e-COMPÓS**, Revista eletrônica da COMPÓS, vol. 1, n. 2, Brasília, 2005.

ROYAL, Cindy. **The Future of Literary Journalism on the Internet**. Disponível em: http://www.cindyroyal.com/litjour_croyal.doc. Acesso em: 08 mar 2006.

TRIVINHO, Eugênio. **Comunicação, Glocal e Cibercultura: bunkerização da existência no imaginário mediático contemporâneo**. Trabalho apresentado no GT de Tecnologias



Informacionais de Comunicação e Sociedade do XIII Encontro Nacional da COMPÓS, São Bernardo do Campo, SP, junho 2004.